



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

HERÓI E SANTO

OURÊM -- FÁTIMA -- BATALHA -- ALJUBARROTA

A peregrinação de treze de agosto e o centenário da morte do B. Nuno de Santa Maria

Em Nun'Alvares, a bravura igualava-se a abnegação. Alma ardente e solitária, as grandezas da terra nenhuma presa tiveram sobre ele. Quando o não ocupavam as armas, e sem nenhuma paixão ruim as tomava, absorvia-o a Fé, que de singular espiritualidade aureola a vida do singular soldado que foi o Santo Condestável.

Junho de 1918.

DR. GINESTAL MACHADO

(Ex-presidente do Ministério e Professor e antigo Reitor do Liceu de Santarém).

Quem, como D. Nuno Alvares Pereira, aliou no mais alto grau o fervor religioso, a santidade da vida e o heroísmo posto ao serviço e grandeza da Pátria, bem merece as consagrações da Nação e ser considerado como o mais genuíno representante da raça portuguesa.

Junho de 1918.

DR. FERREIRA DA SILVA

(Lente da Faculdade de Ciências do Porto)

O SANTO CONDESTÁVEL

Neste quadrante, por ventura único na história do mundo, em que as ideias se entrecrocavam e os indivíduos se degladiavam com uma violência nunca igualada, a humanidade tende a dividir-se em dois campos diametralmente opostos. Dum lado estão os defensores dos princípios fundamentais e eternos em que assenta uma sociedade regularmente constituída: Deus, família, pátria e liberdade, de outro todos os que preconizam a subversão omnimoda da ordem moral e social estabelecida pela eliminação pura e simples desses mesmos princípios. Catolicismo e bolchevismo são as duas únicas forças organizadas que se hão-de encontrar face a face num período mais próximo do que se pode imaginar, disputando palmo a palmo a hegemonia do universo, numa luta gigantesca e de consequências incalculáveis.

Os princípios e as doutrinas intermédias, que já fizeram a sua época, desaparecerão como por encanto e dos seus partidários uns aliar-se-ão com as forças conservadoras da Igreja ou irão engrossar as hostes extremistas que, à semelhança dos bárbaros da Idade Média, tudo hão-de assolar na sua marcha aterradora, ficando atrás delas só ruínas, devastação e morte...

As sociedades, que desprezaram os preceitos sublimes da moral cristã, deixando-se avassalar pela onda crescente dum paganismo mais hediondo que o de Grécia e Roma, porque mais refinado, mercê dos requintes da civilização moderna, receberão o justo castigo da sua prevaricação, expiando no sofrimento e no sangue os seus vícios, os seus crimes e as suas iniquidades.

Portugal, por bondade do Senhor, cujas chagas estão gravadas na sua bandeira, a gloriosa bandeira das quinas, e graças à protecção especial da Virgem Imaculada, sua augusta Padroeira, parece destinado a sair mais forte e mais remoçado do meio da tremenda conflagração geral que já se descobre no horizonte.

As aparições de Nossa Senhora do Rosário na Serra de Aire, em pleno coração da Pátria, com o seu interminável cortejo de mistérios, graças e milagres, são, incontestavelmente, o doce e amoroso penhor da preservação dos males formidáveis que se acastelam no firmamento.

Dois vultos gigantes — as glórias mais belas da terra heroica e cristã de Santa Maria — apontam o caminho a seguir, como guias poderosos e seguros, às gerações presentes e às gerações do porvir: Santo António de Lisboa e B. Nuno de Santa Maria.

Portugal, em união de sentimentos com as demais nações do orbe, e sobretudo

com a Itália, pátria adoptiva do grande taumaturgo, celebrou já em esplêndidas manifestações de fé e piedade, a suas glórias, os seus méritos e as suas excelsas virtudes. D. Nuno foi Conde de Ourém. Era justo que as comemorações nacionais do quinto centenário da sua morte tivessem início nos seus antigos domínios. A benemérita Cruzada Nacional Nun'Alva-

sa história. Como disse um grande escritor dos últimos tempos, Oliveira Martins, o Santo Condestável é a mais pura consubstanciação da alma nacional. Modelo de todas as virtudes, como cidadão, como chefe de família e como religioso, ele apresenta-se como o protótipo de todos os portugueses, nos diversos estádios da vida social. Com uma juventude casta e gene-

castelo de Ourém. Foi na Sé da pequena povoação assentada à sua sombra que se realizou a primeira parte do programa das homenagens solenes ao Santo Condestável. No dia doze, ao meio-dia, estando presente o venerando Prelado diocesano, celebrou a missa solene o rev.^{do} Faustino Jacinto de Almeida, Vigário da vara de Ourém.

emoção religiosa e de entusiasmo patriótico, o Senhor Bispo de Leiria.

Concluídas as solenidades, a multidão dirigiu-se na sua quasi totalidade para Fátima, precedida e seguida das peregrinações das outras freguesias da vigararia de Ourém, que abrange precisamente os domínios do Santo Condestável.

A procissão das velas

Durante toda a tarde vão chegando numerosas peregrinações que desejam tomar parte na procissão das velas. Entre elas merecem especial referência as de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal, Válega, Mosteiro (Vila do Conde), Alvorinha, Aljubarrota, Gondomar e sobretudo a da vigararia de Ourém. Desta última só a parte correspondente à freguesia do Olival compreendia mais de mil e quinhentas pessoas. Todas as freguesias enviaram com os seus peregrinos as crianças da primeira comunhão vestidas de branco, irmandades e confrarias e muitos e lindos estandartes.

A procissão das velas durou das dez horas até à meia-noite. Menos grandiosa e menos imponente que a de treze de Maio, constituiu, no entanto, um espectáculo deslumbrante com os seus milhares de lumes e com a ordem e a regularidade que teve e que não são possíveis nos dias treze de Maio e Outubro.

A tênue claridade das velas no meio da escuridão profunda que reinava na Cova da Iria, a uniformidade nos cânticos religiosos entoados pela multidão, a voz potente dos megafónios que funcionavam maravilhosamente transmitindo ordens e regulando os cânticos, as doces explosões da fé e piedade dos peregrinos produziram um conjunto admirável que encantava e comovia até às lágrimas todos aqueles que tinham a ventura de presenciar tão belo e tão sublime espectáculo.

A adoração nocturna

A meia-noite, pouco mais ou menos, começou a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento. E durante esta cerimónia, ao mesmo tempo tão solene e tão tocante, que a piedade dos fiéis se intensifica e as almas de elite se reúnem em volta do trono do Divino Rei de amor, oculto na Hóstia Santa, para lhe oferecerem tributos de fé, amor e reparação.

As duas primeiras horas são destinadas à adoração nacional recitando-se nesse espaço de tempo o terço do Rosário. Presidiu Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca e faz a explicação dos mistérios no intervalo das dezenas, em práticas cheias de elevação mas acessíveis a todas as inteligências, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria.

Das duas horas às três fizeram a adoração os peregrinos de Alvorinha, das



PEREGRINAÇÃO DE AGOSTO DE 1931: A imagem de Nossa Senhora conduzida processionalmente e cercada pelas bandeiras da Vitória, Mestre de Aviz, Cruz de Cristo, Aviz e Ala dos Namorados. Conduzem o andor os Srs. Doutores Trindade Coelho, ministro de Portugal no Vaticano, Afonso Lopes Vieira, Capitão Afonso de Miranda e Senhoras da Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira.

res Pereira, na forma dos anos anteriores, tomou a iniciativa dessas comemorações, solicitando a cooperação valiosa e indispensável de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria. A convite do ilustre Prelado de Fátima, Sua Em.^a Rev.^{ma} o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa dignou-se aceitar a presidência efectiva de todos os números do programa das festas, imprimindo-lhes com a sua presença um brilho e esplendor incomparáveis.

O Beato Nuno de Santa Maria é uma das mais belas e gloriosas figuras da nos-

rosa, que siga fielmente as pisadas do herói e santo, — o mais santo dos heróis e mais heroico dos santos, — Portugal há-de triunfar nas pugnas do futuro, há-de ser a nação predilecta de Cristo que a adoptou nos campos de Ourique, há-de ser sempre a terra bemditada de Santa Maria!

No castelo de Ourém

Sobre o cume esguio dum monte tão alto, que se avista de muito longe em todas as direcções, ergue-se o célebre e histórico

O povo dos antigos domínios do Beato Nuno, restaurando um costume antiquíssimo que com o decorrer dos anos desaparecera, foi prestar vassalagem ao herói e santo, levando-lhe em tabuleiros ricos ofertas de trigo.

Depois da missa, organizou-se uma vistosa procissão que deu a volta ao Castelo, conduzindo em triunfo a Imagem do Salvador da Pátria.

À tarde, cerca das sete horas, cantou-se um solene *Te-Deum*, a que presidiu Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca. Proferiu um discurso, repassado de

três às quatro as de Setúbal e Arrimal, das quatro e cinco as de Aljubarrota, e das cinco às seis os alunos do Seminário de Beja, vindos de Tomar, onde estão veraneando no Convento de Cristo. As cinco horas o rev.^{do} dr. Manuel Marques dos Santos celebrou a missa dos servitas. As seis, fez-se o encerramento com a bênção do Santíssimo e o rev.^{do} Vice-Reitor do Seminário de Beja celebrou a missa da comunhão geral.

Todas as peregrinações tiveram a sua missa oficial com comunhão, a hora previamente marcada. Disseram missa cerca de oitenta sacerdotes e elevou-se a sete mil o número de comunhões. As nove horas, o venerando Prelado de Leiria celebrou a missa dos peregrinos da vigararia de Ourém.

Quem quiser estudar Fátima no que ela tem de mais belo e de mais íntimo — a fé viva e a piedade ardente das multidões — vá assistir com olhos de ver a essa solene velada de amor e prolongue a sua estada junto do pavilhão das missas até às nove ou dez horas da manhã. Que admiráveis exemplos de espírito de sacrifício que oferecem aos seus olhos esses milhares de pessoas de todas as classes e condições sociais ajoelhadas nas pedras e sobre a terra nua, fazendo a sua preparação e a sua acção de graças num recolhimento que comove e com uma devoção e um fervor que encantam!

A procissão da Virgem e a missa dos doentes.

Ao meio dia solar, realizou-se, na forma do costume, a procissão com a imagem de Nossa Senhora de Fátima desde a capela das aparições até à capela das missas. Levavam o andor os srs. dr. Trindade Coelho, ilustre ministro de Portugal junto da Santa Sé, dr. Afonso Lopes Vieira, dr. Afonso de Miranda e Teodósio de Gouveia. A passagem do andor, os peregrinos lançavam flores sobre a imagem e saudavam-na entusiasticamente com o acenar incessante dos lenços.

A missa dos doentes foi celebrada pelo Senhor Cardial Patriarca, que à estação do Evangelho fez a respectiva homilia, enaltecendo os singulares privilégios de Maria Santíssima, o valor da sua intercessão poderosíssima junto de Deus e a devoção do herói e santo D. Nuno Álvares Pereira à gloriosa Padroeira da Nação.

Durante a missa foram cantados vários cânticos litúrgicos acompanhados a órgão. Terminado o santo sacrifício, fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento e diante dele rezou-se o terço, tendo em seguida Sua Eminência dado a bênção aos doentes e a bênção geral.

Depois da bênção, o Senhor Bispo de Leiria pediu duas Ave Marias, uma pelo Senhor Cardial Patriarca e a outra pela paz na Espanha.

Peregrinos estrangeiros

Entre as pessoas que no dia treze de Agosto visitaram o santuário nacional de Fátima, importa destacar um ilustre sacerdote belga, que ali foi pagar um voto que fizera. Esse peregrino é o Cônego Dessain, irmão do burgo-mestre de Malines e secretário de Sua Eminência o Cardial Van Roey, arcebispo da mesma cidade, depois de ter sido também secretário do grande Cardial Mercier. O cônego Dessain era acompanhado de três sobrinhos: o rev.^{do} José Dessain, aluno da faculdade de filosofia da Universidade Católica de Louvain, Carlos João Dessain, noviço da Congregação do Oratório do Cardial Newman em Birmingham (Inglaterra) e Patrice Dessain, estudante na abadia beneditina de Maredsous.

Hospedou-se no hotel de Nossa Senhora do Rosário e tomou parte em todas as solenidades religiosas oficiais uma distinta família espanhola, que veio de propósito a Fátima presenciar o espectáculo grandioso da peregrinação do dia treze.

Peregrinos portugueses

Entre os peregrinos portugueses além doutras pessoas de categoria, cujos nomes se omitem por brevidade, merece especial menção o ilustre ministro de Portugal junto da Santa Sé, dr. Trindade Coelho e sua ex.^{ma} Esposa, o grande poeta nacionalista Afonso Lopes Vieira, autor da letra da oratória «Fátima», de Rui Coelho, e chefe de servitas, e o venerando dr. Francisco Rodrigues Cruz.

Da peregrinação do Pôrto faziam parte representantes da Juventude Católica e dos Amigos de Santo António e a Ala dos Legionários do Santo Condestável que era presidida pelo rev.^{do} dr. Costa Candal. Um dos grupos de peregrinos da Murtoza, em número de cem pessoas, presidido pelo rev.^{do} António Fonseca, ficou em Fátima para assistir às solenidades do dia catorze na Batalha.

Ficou também em Fátima para o mesmo fim o grupo de Mosteiró (Vila do Conde), presidido pelo rev.^{do} Moreira das Neves.

Assistiram aos actos religiosos oficiais de Fátima no dia doze e no dia treze, além dos seminaristas de Leiria, quarenta

alunos do Seminário de Beja e os alunos do Seminário de Santarém pertencentes à vigararia de Tôres Novas, em número de vinte e cinco.

No dia treze às dezoito horas, estes grupos de seminaristas fizeram uma hora de adoração ao Santíssimo Sacramento, na igreja da Penitenciaría, com a assistência do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca.

Na vila e no mosteiro da Batalha

A vila da Batalha, que teve a sua origem no recontro épico entre portugueses e castelhanos nos campos de Aljubarrota, há quinhentos e quarenta e seis anos, pagou uma dívida de gratidão para com o herói máximo da independência nacional, inaugurando a sua imagem no altar-mór do mosteiro de Santa Maria da Vitória e uma nova avenida com o seu nome.

A estátua do Beato Nuno de Santa Maria, de tamanho maior que o natural, foi feita nas oficinas do notável escultor sr. José Ferreira Tedim, de S. Mamede de Coronado, concelho de Santo Tirso, e representa o Santo Condestável, em plena juventude, empunhando numa das mãos a bandeira desfraldada e brandindo com a outra a espada, em cuja lâmina estão gravadas estas palavras da Sagrada Escritura: «*Excelsus semper omnes gentes Dominus*».

Para a aquisição desta imagem e organização das comemorações do quinto centenário da morte de Nun'Álvares, formou-se uma comissão que era constituída pelas seguintes individualidades: rev.^{do} Pereira Gonçalves, prior da Batalha, enenheiro Oliveira Simões, alferes Duarte Militão, dr. Pereira Gens, Nicolau Barreto, Joaquim Ferraz de Carvalho, Daniel Luís e Manuel Ferreira.

Chegada dos Prelados — Bênção da Imagem de D. Nuno — Cortejo para o mosteiro

Cerca das dez horas da manhã, chegaram à Batalha, vindos de Fátima, o Senhor Cardial Patriarca e o Senhor Bispo de Leiria, que se dirigiram imediatamente para junto do edifício da escola primária oficial, onde se encontrava a veneranda imagem.

Além de muitas outras pessoas de representação, aguardavam ali a chegada dos ilustres Prelados os srs. Governador Civil substituto de Leiria, capitão José Pereira Pascoal, coronel Lacerda e Oliveira, comandante militar de Leiria, capitão Gomes Pereira, do regimento de artilharia 4, alferes Duarte Militão, administrador do concelho da Batalha, major Pereira dos Reis, uma deputação dos sargentos de infantaria 7 e artilharia 4, de Leiria, a corporação dos bombeiros voluntários de Alcoçaba, a alcaideia de lobitos do C. N. S. do Reguengo do Fetal, as confrarias de Nossa Senhora do Rosário, da Batalha, e de S. Vicente, de Aljubarrota, vinte e cinco seminaristas de Santarém com os rev.^{dos} António Campos, Fernando Duarte e Nunes Ferreira, vigário da vara de Tôres Novas, a Cruzada Eucarística de Mosteiró (Vila do Conde), a Cruzada Eucarística do Reguengo do Fetal, etc.

Um piquete de bombeiros de Alcoçaba fez continência à chegada dos Prelados e a multidão irrompeu em entusiásticos vivas.

Benzida a imagem por Sua Eminência com as preces do ritual, organizou-se o cortejo para o mosteiro, seguindo os Prelados debaixo do pódio, a cujas varas pegavam as pessoas de maior categoria.

A certa altura, o cortejo interrompeu a sua marcha para se proceder à inauguração duma avenida, aberta em frente do mosteiro por iniciativa do administrador do concelho e a que foi dado o nome do Santo Condestável.

O alferes Duarte Militão fez uma breve allocução em que evocou os feitos épicos do herói-santo e expôs o significado dos preitos rendidos ao campeão de toda a grandeza do concelho da Batalha, e por fim convidou o comandante militar de Leiria a descer para a lãide em que se leem estas palavras: «Avenida D. Nuno Álvares Pereira (1431-1431)».

Realizado este acto, a multidão rompeu em aclamações e cantou com entusiasmo o hino do Santo Condestável, continuando depois o cortejo a sua marcha.

No mosteiro da Batalha — A missa, a comunhão e o sermão

Quando o pódio transpôs as portas do templo, abertas de par em par, a «Schola Cantorum» do Seminário de Leiria, cantou o «Fecit Sacerdos Magnus».

Foi Sua Eminência que celebrou a missa. Ao «Communio» pregou o rev.^{do} dr. Galamba de Oliveira que começou por dizer que lhe parecia estar contemplando um lindo sonho naquela maravilhosa comemoração. Mas era mais que um sonho — a graça de Deus numa realidade forte. Deus reunia esses milhares de fiéis sob o signo de Nun'Álvares, para que melhor

se realizasse a união de todos os portugueses. Depois de recordar a batalha de Aljubarrota, frisou que nessa luta se defrontaram apenas seis mil portugueses com trinta mil espanhóis.

Como foi possível a vitória das nossas armas? Todos os soldados se tinham alimentado do Corpo de Cristo...

O momento que passa, continuou o orador, é também de luta e há-de ser de vitória. Vindes pagar uma dívida de séculos, colocando a imagem do Beato Nuno em lugar de honra neste mosteiro e vindes, como ele, comungar. É este o segredo de todos os triunfos. O penhor das nossas vitórias está ali naquele altar. É Cristo. Recordai o que dizia Nun'Álvares: «Se queires ver-me vencido, privai-me da Santa comunhão».

Aproximaram-se da mesa eucarística cerca de mil e quinhentas pessoas, tendo sido distribuído o Pão dos Anjos por Sua Eminência e por mais quatro sacerdotes.

Na Sala do Capitulo — Homenagem aos Soldados Desconhecidos

Depois da missa, os dois Prelados, as autoridades e o povo dirigiram-se para a Sala do Capitulo, onde se encontram perenemente alumeados pela lâmpada da Pátria, as sepulturas dos dois soldados desconhecidos, mortos por ocasião da Grande Guerra, um em África e o outro em França.

Em nome da Cruzada Nacional Nun'Álvares falou o capitão dr. Afonso de Miranda, membro da direcção daquela benemérita colectividade.

Na sua curta mas vibrante allocução, afirmou que, se tudo passa no mundo, há uma coisa que perdura e se reveste de imortalidade — a virtude.

Os monumentos da arte e da inspiração não podem em rigor considerar-se obras imortais. Passarão também. A virtude, essa, permanece e é ela que nos liga aos heróis do passado.

Nós vimos, diz o orador, prestar homenagem ao soldado desconhecido e, através dele ao exército português e através do exército a Nun'Álvares. Festeja-o, hoje como outrora, mais que as entidades oficiais, o povo humilde que tão bem compreende os exemplos de virtude e se empenha em os seguir. Nun'Álvares é um símbolo vivo e augusto da nossa independência nacional. Como diz um poeta nosso, «Portugal sublimado chama-se Nun'Álvares».

Bem cabidas são, pois, estas homenagens ao herói que nos legou tão altos exemplos de virtude.

O orador foi vivamente aplaudido, tendo o seu discurso, eloquente e de fino recorte literário, calado fundo no ânimo dos assistentes.

Por último falou o Senhor Bispo de Leiria para agradecer a Sua Eminência o brilho que deu com a sua presença às festas comemorativas do quinto centenário da morte do Santo Condestável. Se em alguma parte de Portugal se devia evocar essa data, neste mosteiro que é «Os Lusíadas em pedra», tem a comemoração um significado especial. Nun'Álvares jurou à população de Lisboa que os castelhanos não iriam lá e cumpriu o seu juramentó aqui. Sua Eminência representava ali o povo de Lisboa e o seu Bispo que foi um valoroso herói da independência.

O Senhor Bispo de Leiria agradeceu ainda às autoridades civis e militares, ao clero e ao povo que quis comemorar o aniversário da gloriosa batalha de Aljubarrota com uma comunhão numerosíssima.

Em Aljubarrota — Na Capela de Santa Maria e S. Jorge

Cerca das duas horas da tarde, a multidão aglomerava-se em volta da Capela de Santa Maria e S. Jorge erguida no próprio local onde esteve hastead a bandeira do Santo Condestável durante a batalha de Aljubarrota.

Sua Eminência, acompanhado do Senhor Bispo de Leiria e das entidades oficiais, entrou na Capela por entre vibrantes aclamações da multidão e começou por benzer o novo estandarte dos Legionários de Nun'Álvares, da cidade do Pôrto.

Finda esta cerimónia, o rev.^{do} dr. Costa Candal, professor no Seminário Teológico daquela cidade, fez um breve discurso em que declarou que os peregrinos do Pôrto, cidade da Virgem, que se ufana de ter por brazão a imagem de Nossa Senhora entre duas tôres, vieram a este terreno duplamente sagrado hastear a sua bandeira e receber, com a bênção da igreja, uma lição de fé e patriotismo.

Concluiu agradecendo aos venerandos Prelados o bom acolhimento que lhes dispensaram.

O Senhor Bispo de Leiria, respondendo ao orador, agradece à Ala dos Legionários de Nun'Álvares a prova de religião e patriotismo que ali veio trazer. E, depois de se referir em termos carinhosos ao Pôrto, de cujos habitantes tece um caloroso elogio, fazendo eruditas divagações históricas, termina frisando que Sua

Eminência é das proximidades da cidade invicta, fez lá alguns dos seus estudos e... foi seu aluno.

Allocução do Sr. Cardial Patriarca

Quando o Senhor Bispo de Leiria acabou o seu discurso, algumas pessoas manifestaram o desejo de ouvir Sua Eminência que se dignou satisfazer esse desejo, que era o de todos os presentes, preferindo uma bela allocução, cheia de conceitos e de primores de estilo.

Nestes tempos em que o povo é soberano, disse o ilustre e venerando Cardial de Lisboa, até um Príncipe da Igreja lhe tem de obedecer... Curvo-me de muito bom grado a esta como que imposição do sufrágio popular... Tenho de dizer uma palavra que seja como que o fecho destas solenidades.

Uma festa religiosa e patriótica não pode deixar de enleiar o príncipe da Igreja que, por mercê de Deus, eu sou.

Religião e Pátria são termos que sempre andam ligados. Nestes dias em que as bases da civilização cristã são minadas, é refúgio seguro a Igreja que prega a obediência à autoridade. E, assim, bem é que aqui se fizessem representar as autoridades à Igreja revertem a favor delas.

Quere também dizer uma palavra aos rapazes que se votaram ao culto do Santo Condestável. Não pode deixar de o comover a vista desses rapazes.

Eu já fui o que vós sois, diz Sua Eminência. Diz-se que a vida é a realização dum sonho da mocidade.

É na vossa idade que se faz a grande manobra de que depende a vida inteira. A sociedade portuguesa põe em vós os olhos, cheia de esperança. A Igreja põe também em vós os seus olhos. Na medida em que vos deixardes dominar pelo ideal de Cristo, contribuireis para melhorar, para elevar o mundo.

A própria Igreja de Deus, diante da mocidade, sente alvorçar-se-lhe o coração.

É agora, nos vossos floridos vinte anos, que se faz a grande sementeira no vosso coração. Se deixardes que o vosso coração e o vosso espírito sejam enflorados por esses altos ideais — e não há nenhum mais alto, — conseguireis modelar no barro humano a própria imagem de Deus.

A vós não é preciso pregar altruísmo, como agora se diz. Estais na quadra bela em que tudo se dá generosamente. As «belhas doiradas andam à volta do cálice no vosso coração. Mas, cuidado! Entre as «belhas andam as borboletas que foram vermes. Não consintais que elas vos façam o mesmo que às flores primaveris em que poisam.

Alumia o mundo, erguendo bem alto o facho ardente da fé. E estareis sendo obreiros dum Portugal melhor que a todos nos revêna como um berço de amor e em que todos nos sintamos mais felizes.

Pouco depois de concluir o seu discurso, Sua Eminência, tendo-se despedido do Senhor Bispo de Leiria e das entidades oficiais, partiu no seu automóvel com destino a Lisboa, no meio de vivas e entusiásticas aclamações da multidão.

Assim terminou a tríplice jornada de 12-13-14 de Agosto, jornada de fé e patriotismo, de homenagem à Virgem de Fátima e ao Beato Nuno de Santa Maria, Padroeiros de Portugal, em comemoração do quinto centenário da morte daquele que foi a mais pura e a mais bela consubstanciação da alma nacional.

Visconde de Montelo

A quinze séculos de Efeso

A MATERNIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA

III

No modesto artigo que, com o título acima, publicámos na «Voz da Fátima» de Maio último, procurámos focar, à luz da Escritura e dos Santos Padres, o dogma bello e consolador da Maternidade de Nossa Senhora.

Nestas poucas linhas que vão seguir-se estudá-lo-emos nas suas conseqüências para a Virgem Santíssima.

A Maternidade Divina de Nossa Senhora com razão se pode comparar a um astro brilhante em volta do qual gravitam, como em torno de seu centro, tantos outros astros fulgurantes quantos são os privilégios de Nossa Senhora. E que, se Nossa Senhora é a Imaculada na sua Conceição, se Ela é a Rainha das Virgens, a cheia de graça, um

mar sem fundo de virtude, de Santidade, a Bendita entre todas as mulheres—deve-o à dignidade quasi infinita de Mãe de Deus.

Se Ela é a corredentora do Género humano, a Medianeira de todas as graças; se Ela é no Céu a Imperatriz do universo, a Onnipotência suplicante, se foi após sua morte levada ao Céu em Corpo e alma, é ainda à Sua Maternidade Divina que o deve.

De feito, decretando Deus Pai enviar Seu Filho ao mundo median-te a Virgem Santíssima, associando—A dêste modo a Sua Paternidade inefável, como a não encheria de graças, como a não prepararia para a tornar «digno habitáculo de Seu Filho»? Por seu turno tendo o Filho de Deus—o Verbo que por geração eterna procede de Deus—Pai—a prerrogativa de escolher a que dentre todas as mulheres deveria ser Sua Mãe — o que não é dado a nenhum filho dos homens — como não escolheria a mais bela, a mais rica em graça, a mais digna de si se, como é verdade, a glória dos filhos são seus pais?

E de facto, dos privilégios que ornaram a alma Santíssima de Nossa Senhora e enchem de intensa alegria todos os seus filhos, uns são exigidos—por conveniência ao neno—pela Maternidade Divina, outros são sua Corôa gloriosa.

Na verdade, não se compreende que a Mãe de Deus, a Mãe d'Aquê-le que na luta com a Serpe Antiga deveria esmagar-lhe a cabeça com o Seu Pé, estivesse por um instante sequer sob o domínio titânico do eterno inimigo do Género Humano.

Não se compreende igualmente como Nossa Senhora, sendo a Mãe do Autor de toda a virgindade, por isso mesmo perdesse a Sua virgindade ou subseqüentemente a maculasse.

Não se compreende como a Mãe de Deus e por isso mesmo a Rainha de todos os Santos e Anjos, não fosse um abismo de graça, de virtude, de santidade.

Não se compreende como Maria, por quem nos foi dado Jesus e com Ele todas as graças, não continuasse este officio de Misericórdia até ao findar dos Séculos, Ela que, por ser Mãe de Cristo, é Mãe de todos os seus membros, de todos os homens.

Não se compreende, finalmente, como Nossa Senhora—*a Mãe*—não fosse, após Sua morte, gosar, eu corpo e alma, da visão beatífica do Filho na Glória.

E se, como acabamos de vêr, a Maternidade Divina foi na ordem real, o princípio de toda a grandeza de Nossa Senhora—porque, para A preparar, ou para A enriquecer dignamente, Deus lhe concedeu os privilégios que a tornaram digna mansão de Seu Filho, e como conseqüência da Maternidade lhe outorgou as graças e privilégios subseqüentes,—na ordem lógica foi igualmente da Maternidade Divina que os Santos Padres e Doutores da Igreja deduziram o reconhecimento de tais privilégios. Ela é o grande foco de luz com que se ilumina o Céu daquela alma Santíssima e os astrónomos que estudaram e estudam há 15 séculos as maravilhas nêle contidas, são os Padres, os Doutores, os teólogos, os mesmos fiéis.

É pois com razão que a Santa Igreja, ao contemplar, neste ano centenário, a joia mais primorosa que engastou no diadema de Maria em Efeso, se enche de júbilo e, pela voz de Pedro, do Papa Pio XI chama todo o mundo Católico a celebrar condignamente a glória imortal da Mãe de Deus.

A «Voz da Fátima» foi visada pela Comissão de Censura.

Graças de N. S. de Fátima

MILAGRES DE ONTEM E DE HOJE

Nem por isso mudaram os homens...

Os milagres mais bem fundados encontram sempre *incrédulos*, embora na realidade estes *incrédulos* careçam de uma boa dose de credulidade para acreditar as explicações que dos milagres por vezes aí se dão.

Hoje a explicação da moda é a das *forças desconhecidas*. Estas forças ninguém as viu, ninguém as palpou—e contudo preferem-nas à Omnipotência divina, cujos efeitos são tão manifestos.

Outrora ignoravam-se as forças desconhecidas, mas acreditava-se nos demónios e era a *magia* que se atribuíam os prodígios inverosímeis operados pelos santos.

S. Pantaleão, martirizado em Nicomedia à vista do próprio Diocleciano, triunfou dos animais ferozes, saiu indemne de um banho de chumbo derretido, restituiu os membros a um paralítico conhecido;—Diocleciano rendeu-se à evidência, reconheceu os prodígios, mas atribuiu tudo isto à magia... E não se converteu.

Há hoje em dia pessoas que desejariam ver prodígios no Céu, como os fariseus do Evangelho.

Ora nós tivemos em França a cruz de Migné no princípio do século passado. Portugal teve em 1917 o grande prodígio da *Fátima*, de que foram testemunhas oculares mais de 70:000 pessoas.

—Estes factos maravilhosos trouxeram com certeza muitos pecadores ao caminho de Nosso Senhor; mas a multidão, a grande multidão passa indiferente sem nada ver, sem nada querer compreender.

Hoje como sempre se pode repetir o que dizia S. João no começo do seu Evangelho *«A luz brilhou no meio das trevas, mas as trevas não a compreenderam»*

Oh! Por favor não digais: *«Queríamos ver milagres!»*

Abri os olhos—e ficareis deslumbrados!

Versão do Pilerin, de 2 de agosto de 1931 — n.º 2836

Uma cura na Bélgica

(Tradução)

Eu, abaixo assinada, esposa de Gustavo Jauniaux, residente em Enghien (Bélgica), declaro que, estando grávida de há uns sete meses, comecei a sofrer contrac-



A miraculada de Enghien

ções convulsivas do estômago. Chamado o médico, averiguou ele que a criança, que eu trazia no seio, se deslocara comprimindo o estômago. Entretanto eu não podia conservar nenhum alimento, e bem

depressa o mal degenerou em crise continuada, devendo o médico vir todos os dias dar-me injeções de morfina. Um dia, meu marido voltou do Colégio dos Padres Jesuítas (onde é alfaiate) com uma imagem e um pouco de água de Nossa Senhora de Fátima, que um Padre Português lhe dera, com recomendações de me dar algumas gotas e de começar comigo uma novena.

Assim fizemos, e uma hora depois todas as dores tinham desaparecido. No dia seguinte o médico, ao ver-me, mal podia acreditar na mudança em mim operada. Desde então pude continuar com as minhas ocupações le antes, sem ter sofrido até ao presente a mais pequena crise.

Em fé do que subscreve a presente declaração.

Laura Defrère

Tumor e fractura

Amélia de Matos Moreira diz ter sofrido muitas dores na perna direita desde 28 de Dezembro de 1927, pelo aparecimento dum tumor na mesma.

Andou a tratar-se muitos meses com diversos médicos, que por fim lhe impuzeram uma operação. Diz: recolhi ao hospital de Vila Nova de Cerveira em 13 de Março. No dia 14 fui operada a 1.ª vez, mas fiquei sofrendo muito mais do que sofria. Em 13 de Maio fizeram-me a 2.ª operação mas continuei com cinco orifícios a purgar continuamente. Operaram-me pela 3.ª vez a 20 de Novembro de 1928, e sempre com o mesmo sofrimento. Estive 15 meses no Hospital. Passado esse tempo vim para minha casa com 8 feridas a purgar continuamente e sem esperanças de melhorar. Neste estado, lembrei-me de N. S.ª da Fátima e pedi-lhe com grande fé e banhada em lágrimas que me desse saúde, que me tirasse de tão grande sofrimento, ou então que me levasse para si. Nossa Senhora atendeu-me e comecei a sentir alguns alívios, mas quando só tinha 2 buracos a purgar parti a perna de que sofria. Então é que me diziam estar perdida e os médicos eram de opinião que só cortada a perna poderia viver algum tempo.

Recorri então a Nossa Senhora com maior fé ainda a pedir-lhe a graça de não ser necessário que me cortassem a minha perna, e prometi ir a Fátima agradecer-lhe logo que fosse capaz de o fazer. Até então tinha dores incalculáveis gritando e gemendo de noite e de dia, mas hoje, graças àquela Mãe do Céu estou curada! não me cortaram a perna e já trabalho, a ponto de causar admiração às pessoas que me conheceram quando sofria. Venho, agora, agradecer a N. S.ª da Fátima a grande graça que me fez e pedir a todos os leitores que me ajudem a agradecer também.

Amélia de Matos Moreira, de Caminha.

Cura do corpo e da alma

Em 13 de Outubro de 1929 fui a Fátima pedir a N. Senhora a conversão de minha mãe.

A 26 do mesmo mês adoeceu esta com uma *pneumonia* e pouco depois mandaram chamar-me porque ela estava quasi a morrer. Quando cheguei já ela me não conheceu. Correndo à Quinta dos Apóstolos onde reside, eu fui pedir a meu tio que me fosse chamar um sacerdote.

Mas meu tio, descrente, recusou-se porque, dizia elle, minha Mãe já não necessitava dele porque estava moribunda. Vendo-me assim, só, e com minha mãe na

quele estado, ajoelhei e pedi a Nossa Senhora da Fátima que não deixasse morrer minha mãe sem receber os Santos Sacramentos. Depois meti-a comigo num automóvel e trouxe-a para minha casa; deitei-a na minha cama e fui chamar o sacerdote da minha freguesia. Este sacerdote sacramentou-a e preparou-a para a última viagem. Depois fui chamar o Sr. Dr. Sérgio que, depois de examinar minha mãe me disse que a mandasse recolher ao Hospital porque o seu estado era muito grave, e eu, pobre, não tinha meios para a tratar.

Eu, porém, receando que minha mãe me falecesse no Hospital, recorri a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura de minha mãe, e fui fazendo uma novena tratando minha mãe com a milagrosa água de Fátima. Resava o terço todos os dias a Nossa Senhora, e ao fim da novena fui receber a sagrada comunhão como tinha prometido. Nessa altura já minha mãe se sentia melhor. Ao fim de 20 dias voltou o sacerdote dar-lhe a sagrada comunhão e achou-a extraordinariamente melhor. Prometi então publicar na *Voz da Fátima* a graça que N. Senhora me alcançou e pedi-lhe muito que convertesse minha mãe e que a fizesse uma grande devota sua. Também aqui fui ouvida porque desde que pôde sair de casa tem assistido a muitas missas mesmo de semana e tem-se confessado e comungado frequentemente, coisa que já não fazia *havia 37 anos!* Venho hoje, agradecer a N. S.ª tão grandes benefícios tornando-os publicos para sua honra e glória.

Escolastica de Jesus Nunes, de Lisboa.

Boença no nariz

Amalia Mateus, de Nozelas, soffria há muito tempo, do nariz, tendo ocasião em que nem podia respirar por ele.

Consultou um médico que lhe disse necessitar duma operação que só em Lisboa ou no Porto poderia ser feita. Consultou mais três médicos e todos disseram a mesma coisa. Nesta altura, uma pessoa amiga aconselhou-me a fazer uso de água da Fátima que lhe forneceu e a recorrer com fé a N.ª Senhora.

Assim se fez; começara o tratamento com essa água e as orações da doente e das amigas prometendo todos enviar-lhe uma esmola se a graça lhe fosse concedida dentro de 3 meses. Mas, graças a N. Senhora, a doente sentia-se completamente curada 10 dias antes de findar o 3.º mês! Agora, diz nada sofrer e agradece a N.ª Senhora o tê-la livrado de tantas dores e despesas.

M.ª da Conceição Lopes Malheiro

Cura dum pulmão

—Venho pedir a publicação duma grande graça que a Virgem Santíssima fez à minha filha Maria da Assunção.

Adoeceu em Dezembro de 1929. Foi ao médico e o exame acusou a debilitação do pulmão direito. Começou-se logo um tratamento cuidado de alimentação e termo cautério. No dia 13 de Junho de ano passado fui à Missa à minha freguesia, e minha filha nesse dia não foi capaz de me acompanhar. Quando eu, nesse dia voltava para casa, ajoelhei no caminho voltada para onde julgava ser a Cova da Iria, pedindo a Nossa Senhora que se dignasse curar a minha filha, iria com ella a Fátima daí a um ano. Graças a Deus, Nossa Senhora atendeu-me e minha filha hoje está boa; — come bem, trabalha e

neverna mais sentiu dores no pulmão. Lá iremos brevemente agradecer aos pés de Nossa Senhora tão grande graça que lhe devemos.

Maria Emilia Fermo, de Torres Vedras

Tumor

Tendo-me aparecido um tumor no peito, consultei alguns médicos dizendo-me um médico radiologista que me examinou, que o tumor não desapareceria com o simples tratamento de radioterapia, mas que era necessário que fosse operada; no entanto, que experimentasse. Recorri então com fervor a Nossa Senhora e comecei a aplicar sobre o tumor panos embebidos em água da Fátima, começando ao mesmo tempo umas boas religiosas a fazer a sagrada comunhão por minha intenção e uma novena de orações a Nossa S.ª da Fátima. O tumor começou também a diminuir a tal ponto que o médico ficou admirado e só com duas aplicações e sem intervenção cirurgica eu fiquei completamente curada.

Agora venho agradecer a N. S.ª da Fátima o favor que me alcançou do Céu.

Uma devota, de Braga.

Tuberculose

—Pedro Francisco, de Alfeizerão, encontrando-se doente, diz, resolvei ir ao médico a Alcobaca. Examinado pelo médico, fui encontrado com os pulmões enfraquecidos. Os medicamentos receitados nada me fizeram, de maneira que resolvi consultar outros médicos. Fui a Caldas da Rainha e lá todos os médicos me declararam tuberculoso e em estado já bastante adiantado.

Tudo isto se passou em 1928.

Vindo para minha casa, muito triste, recorri a Nossa S.ª da Fátima. Toda a família da minha casa e com elles os meus parentes reuniram-se e prometeram rezar o terço um ano inteiro todos os dias seguidos e, se eu melhorasse, de toda a família ir agradecer a graça a N. S.ª da Fátima. Agora encontro-me bem e fortalecido. Já fomos a Fátima e cheios de alegria agradecemos a N. Senhora a graça que me concedeu. Uma das pessoas da minha família foi de joelhos desde o portão até junto do altar de Nossa Senhora da Fátima, a quem devo a minha saúde.

Pedro Francisco

Cura dum defeito de nascença

Artur Simões, da freguesia de Ancião, nasceu com um grave defeito. Os médicos, pouco depois, aconselharam uma operação imediata, sob perigo provável de morte dentro de pouco tempo no caso de se não sujeitar à operação.

A família, a quem a ideia da operação deveras atemorizava, recorreu N. S.ª da Fátima com muitas orações, promessas, e passado algum tempo o defeito desapareceu. Consultados novamente os médicos quasi não acreditaram no que viam, não sabendo explicar como a cura se tinha operado sem intervenção cirurgica.

A família agradece muito a Nossa Senhora a quem sempre deseja amar.

José Simões, de Ancião

Meningite

Venho rogar-lhe o favor de mandar publicar a graça que N. S.ª concedeu a meu filho José, de 5 anos de idade, curando-o em cinco dias, duma meningite.

Desde Agosto a Outubro, o fequeno teve vários ataques de dores no estômago, ataques tão fortes que o deixavam prostrado. Consultá-

mos 3 médicos de fama, nenhum deles conseguiu acertar com a doença.

Nos fins de Outubro teve novo ataque e mais forte. Desta vez o médico declarou que se tratava duma *meningite* e mandou o doente para o Hospital e sem demora. Lembrámo-nos então de pedir a N. S.ª da Fátima que nos valesse. Começámos a fazer uma novena e logo no 3.º dia desapareceu a febre, e no 5.º dia foi autorizado a sair.

Hoje, está completamente curado sem ter mais dores de estomago desde então até aqui.

Atribuímos esta cura rápida duma doença tão perigosa sómente a N. Senhora da Fátima. — Shanghai, Maio de 1931.

Joaquim M.ª C. de Sousa

Duas curas

António de Oliveira, da freguesia de S. Catarina da Serra, de 5 anos de idade, estava entevado havia um mês tendo sido inúteis os esforços do médico para o curar.

No dia 13, inesperadamente, ao ser colocado em casa depois de ser levado a Fátima, começou a andar ficando bem daí por diante.

Havia exactamente um ano que com uma pleureisia purulenta eu eminência de intervenção cirurgica, quando o levava para esse fim ao Hospital, foi encontrado perfeitamente são pelos médicos que, dias antes, haviam afirmado que só 6 meses depois da operação ficaria curado.

Neuralgia

Josefina de Jesus dos Santos, de 70 anos, da freguesia de Ourém, soffreu cerca de cinco anos de fortes neuralgias na cara, que não obedeciam a nenhuns medicamentos. Além disso appareceu-lhe uma carçõ suspeito na cana do braço.

Ouvindo falar das curas da Fátima, prometeu publicar a graça e ir a Fátima em peregrinação em todos os dias 13 que lhe fosse possível, achando-se quasi logo curada, não voltando a sofrer da mesma doença.

Cura dos pulmões

Peço o obséquio de publicar no seu jornal a seguinte graça que recebi por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Há 19 anos comecei a sofrer dos pulmões pelo que fiz tratamento em sanatório e consegui grandes melhoras, embora continuasse a necessitar de viver com todos os cuidados costumados em casos semelhantes.

Em principios de Abril deste ano, devido a uma forte constipação peorei muitissimo tendo tosse e expectoração abundante. Tomei vários medicamentos, mas em vão.

Então pedi muito a minha cura à Irmã Maria do Divino Coração e ao S. Padre Pio X sem contudo ser atendida. Vendo-me cada vez mais doente e já quasi sem esperanças de me passar a tosse e expectoração, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima começando em 3 de Maio do corrente ano a fazer uma novena em sua honra durante a qual não tomei medicamentos e prometi publicar a graça da minha cura se a boa Mãe do Céu ouvisse as minhas súplicas. Ao terceiro dia da novena senti-me muito melhor e a 13, último dia, desapareceu-me a tosse e a expectoração, pelo que venho imprimir o voto que fiz e agradecer publicamente para maior honra e glória da Virgem Santissima.

Pinheiro da Bemposta—Judith Mesquita Pacheco

Agradecem graças a Nossa Senhora as pessoas seguintes

Margarida Carmo e Cunha, de Lisboa, agradece a N. S.ª uma graça muito importante que lhe concedeu mediante a reza do terço.

Madame Jorge Godinho, de Lisboa, agradece a N. S.ª duas graças temporais.

Felix Ferreira, agradece a N. S.ª a paz dada à sua terra, há tempos agitada por fortes convulsões políticas.

Maria Benedita de S. Sequeira, agradece reconhecida uma graça temporal.

R. V. da Silva, que há muitos anos sofria do nariz, agradece a sua cura alcançada por intercessão de S. Filomena e Nossa Senhora da Fátima, depois de ter gasto muito com a medicina da terra.

A. L. agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado a vista que já quasi havia perdido. Deu a esmola de 100\$00.

Maria Batista Leal Piedade, agradece a cura duma pessoa da sua família que estava desenganada dos médicos. Fêz a promessa da publicação que hoje vem cumprir.

AVISO

O preço anual da assinatura da Voz da Fátima são 10\$00 para Portugal e colónias e 15\$00 para o estrangeiro.

Como os Ex.ªs Srs. Assinantes e leitores viram, em Maio último, aumentou o formato do Jornal, e por conseguinte aumentaram as despesas, como poderão ver nas contas no mesmo jornal publicado. Porém, o preço da assinatura ficou sendo o mesmo, de maneira que muito se agradece qualquer esmola para que a Voz da Fátima possa continuar a ser publicada e sempre em grande tiragem.

Voz da Fátima

DESPEAS

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Transporte, Papel, Franquias, Com a administração em Leiria, Total.

Donativos desde 15\$00

Donativos desde 15\$00—Distribuição em Santos Reis—Campo Grande, 50\$00; Mariana M. B. Arruda—S. Maria, 15\$00; João de Araújo—Açores, 20\$00; Inácia S. Gomes—Braga, 20\$00; Distribuição em Canelas—Régua, 100\$00; P.ª Alberto P. de Sousa, 30\$00; Manuel Correia—Braga, 20\$00; P.ª José Porfírio—Funchal, 20\$00; Distribuição em Cascais, 30\$00; Glória Esquivel—Mourão, 20\$00; Erminia A. Esquivel—Mourão, 20\$00; M.ª da C. Braz—Açores, 15\$00; Jorge Lopes Marques—Alvega, 50\$00; José O. Martins—América, 22\$00; Joaquim de Oliveira—Carregal, 20\$00; Distribuição em Paderne, 65\$00; Maria da Piedade—Niza, 30\$00; Amélia Rosa Falcão—Amarante, 20\$00; Francisco J. G. Camelo—Extremoz, 20\$00; José Friães—V. N. de Gaia, 15\$00; Maria Barbara Almeida—Ovar, 15\$00; Laura Granado, 15\$00; Distribuição em Manhente, 85\$00; Mariana da S. M. Belo—Alandroal, 20\$00; Judith Fernandes—Alandroal, 15\$00; Elvina Nunes da Fonseca—Lisboa, 50\$00; Joaquina Rosa Ramalho—Lisboa, 30\$00; António F. de Melo—Guimarães, 15\$00; Ventura José de Campos—Murtoza, 15\$00; Distribuição em Murtoza, 100\$70; Distribuição em Freamunde, 250\$00; Etelvina de J. Cascalho—Livre, 20\$00; António Guedes—Gaia, 20\$00; Distribuição em Vera Cruz—Aveiro, 35\$00; Distribuição em Cabeço de Vido, 25\$00;

Maria do Carmo C. Real—Ponte Ca Barca, 20\$00; Virginia Carrilho—Almodovar, 15\$00; Georgina Almeida Tavares—Mafra, 20\$00; Maria Carolina Caetano—L. da Beira, 183\$00; João G. Júnior—Portalegre 100\$00; Franc.ª Martins—Alvorninha, 20\$00; Helena T. Rebouxo—Setubal, 20\$00; Josefa de Jesus—Casais Robustos, 80\$10; Mariana de Jesus B. Casa-leiro—Mafra, 30\$00; Anselmo A. Borges—Paços de Souza, 15\$00; Rosa Amélia da Silva—Lourinhã, 15\$00; José M. Viana—V. do Castelo, 20\$00; Maria da Encarnação A. e Silva—M. Redondo, 20\$00; Joaquina Duarte—Rogel, 120\$00; Maria da Assunção de Azevedo—Viseu, 20\$00; Distribuição em S. Sebastião—Viseu, 20\$00; Maria do Carmo Pires—Pórt, 15\$70; Julia de Moura e Costa—Sertã, 40\$00; Josefina Manso P. de Melo—Pombal, 15\$00; M.ª Laura dos Santos—Cerdeira, 60\$00; Olimpia Sequeira Canelas—Alpalhão, 15\$00; Cristina de Jesus Santos—Vatatojo, 15\$00; Esmola de Bougado, 300\$00; Distribuição em Anha—V. do Castelo, 250\$00; H. da Misericórdia—Penafiel, 32\$50; Distribuição em Avanca, 70\$00; Ana M.ª Moraes—Mogadouro, 20\$00.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO BRASIL

(Continuação)

VIII

D. Virginia Tavares agradece de todo o coração a N.ª Senhora de Fátima uma importante graça obtida por intermédio da sua bemdita novena em favor de uma pessoa amiga que em risco iminente de perder a vista viu tão grave mal debelado pela prodigiosa intercessão de tão boa Mãe.

Semelhante prodígio se deu bem patentemente com o porteiro do Colégio Nobrega. Apareceu um dia inesperadamente com o olho direito de tal maneira infectado que totalmente perdeu a visão.

Vai ao hospital consultar um médico o qual lhe declara que com menos de 3 meses não recuperaria a visão.

Calmo e paciente me comunica o resultado da entrevista, o que me sugeriu a ideia de propôr-lhe o recurso a N.ª S.ª de Fátima. Começa nesse mesmo dia a sua novena utilizando além disso a água milagrosa de que botava no olho afectado umas gotinhas, e o prodígio não se fez esperar, pois o que o médico não dava por possível antes de 3 meses, N.ª S.ª o reduziu ao curto prazo de 3 dias, começando desde logo a enxergar os objectos, se bem que não com toda a nitidez, a qual dia a dia se continua daí em diante a precisar cada vez mais para consolação do bom Flávio (este é o seu nome) e de todos os que lhe apreciam os serviços e conjuntamente para glorificação de N.ª S.ª do Rosário de Fátima a quem o beneficiado não cessa de render as mais sentidas homenagens do seu incondicional reconhecimento.

IX

1) Humildemente agradeço a N.ª S.ª de Fátima uma graça que alcancei com a promessa de publicá-la no jornal «Voz da Fátima».

Recife

Maria José de Andrade — F. M.

2) Confesso-me devedora a N.ª S.ª do Rosário de Fátima de três importantes graças por seu intermédio obtidas: 1.ª — a de, apesar de bem fundados receios, ter sido feliz na extracção de 7 dentes; 2.ª — a de ficar bem depressa livre de um grave incómodo e cruciente dor numa face; 3.ª — a de me ver completamente restabelecida de uma enorme fraqueza e aflição nervosa que muito me fez sofrer. Por tudo rendo hoje mil acções de graças à bemdita Mãezinha do Céu que tão prodigiosamente me valeu.

Isaura Tavares

3) Tendo recorrido em ocasiões várias de grandes aflições à Virgem N.ª S.ª do Rosário de Fátima, implorando o seu socorro e sendo por Ela atendida, venho testemunhar-lhe a minha gratidão e proclamar o seu grande valor.

Envio 20\$000

Rio de Janeiro — Outubro de 1930.

Maria S. de A. e Castro

4) Tendo eu sofrido 7 anos do fígado e tomado por esse motivo muitos remédios sem nunca ficar boa, lembrei-me de recorrer à Virgem do Rosário de Fátima, o que fiz, achando-me hoje completamente curada.

Venho agradecer à SS.ª Virgem este grande benefício, tornando-o público para sua honra e glória.

Recife — 12-10-930.

Estefânia Maria da Conceição

5) Agradeço a N.ª S.ª do Rosário de Fátima a grande graça que me concedeu de ter restituído a saúde ao meu sobrinho,

Ernestinho Roesler, que se achava bem doente. Conforme a promessa então feita torno público tão assinalado benefício e ofereço a quantia de 10\$000 para o Santuário da Senhora.

Recife, 17-10-930.

Maria Carmelita Carneiro de Albuquerque

6) Rosa Mendonça Santos Oliveira, residente na Soledade, n.º 26, agradece a N.ª S.ª do Rosário de Fátima uma graça especial obtida com promessa de publicá-la no jornalzinho «Voz da Fátima».

Recife, 3-12-930.

7) Agradeço de todo o coração a N.ª S.ª de Fátima a grande graça que por sua intercessão alcancei com promessa de publicá-la no jornal «Voz da Fátima».

Recife, 20-12-930.

Junília de Moraes

X

maravilhosa protecção de N. S. do Rosário da Fátima

Bem pouco há ajeada, por ocasião da recente revolução de Outubro que se viu e apalpu bem a real valia da protecção de N.ª S.ª de Fátima. E' do domínio público no Brasil e fóra dele que no Recife os revolucionários fizeram o seu principal reduto e ponto de apoio no Colégio Nobrega, compreendendo tanto o prédio novo como o seu vasto quintal, ou sítio, como cá se diz, o que, se para eles constituiu uma enorme vantagem, que lhes assegurou e acelerou o triunfo, para nós com os aproximadamente 150 alunos internos que comnosco tínhamos e de quem nos não era por forma alguma possível desfazer-nos, representava isso um incalculável perigo. Que fazer? Retirar os ditos alunos do prédio ocupado que ficou à inteira disposição dos revolucionários, e concentrá-los nos baixos do antigo palácio, onde passámos as 48 horas que durou o mais acédo da revolução. Ai todos reünidos nos confiámos à valiosa protecção de N.ª S.ª de Fátima com a recitação em côro do terço seguido do «Lembrai-vos» com 3 A. M. precedidas da invocação «N.ª S.ª do Rosário de Fátima, rogai por nós».

O resultado foi quanto podia ser prodigiosamente manifesto. Quanto aos Sacerdotes, alguns dos quais no exercício dos seus ministérios andaram em evidéntissimos perigos, de todos saíram incólumes; e entre os alunos, bastantes dos quais crianças pequeninas, nem o pânico tão próprio da sua natural timidez. Se bem que do seu refúgio durante os sucessivos e violentos tiroteios, sobretudo da noite de Sábado, 4 para 5 de Outubro, repetiam sem cessar P. N. e A. M., terminados estes, logo se sucediam os gracejos incoentemente pitorescos com que amenizavam a situação. Mercê de Deus nenhum correu o mínimo risco.

Ao menos o prédio, onde os revolucionários tiveram que sustentar frequentíssimos e renhidos ataques dos 4 flancos ao mesmo tempo, era naturalíssimo que ficasse bem danificado; pois a verdade é que são raríssimos e insignificantes os estragos produzidos, o que por todos é, e com razão, tido na conta de todo esse milagre.

E que muito é que, se isto sucedeu com o prédio, outro tanto tenha sucedido com os respectivos combatentes? Milhares sem dúvida foram os que dali receberam e repeliram numerosos ataques; pois, dos de dentro, de dois apenas consta que fossem atingidos, e um tão levemente que, roçando-lhe ligeiramente a bala na cabeça, mal lhe tostou o couro cabeludo. Este no terço superior. Um outro na galeria inferior foi inesperadamente ferido numa perna por uma bala perdida, mas após ligeiro curativo voltou logo à linha de fogo a vingar nos de fóra o insulto apesar de não propositado.

De outras famílias soube terem gozado de idêntico privilégio, atribuível da mesma forma a N.ª S.ª de Fátima. Uma sobretudo, a do Sr. José Gonçalves da Costa, residente em Tigipió, à rua de S. Miguel, 635, que em sucessivos ataques, cruzando-se-lhe as balas por cima da casa, toda a família saiu incólume, benefício que dias depois com toda a família elle veio à nossa Capela agradecer a N.ª S.ª de Fátima mandando celebrar uma Missa em acção de graças e oferecendo 5 quilos de velas para a mesma Senhora.

Este mesmo e respectiva família é assíduo em vir, a pesar da distância, assistir à Missa em honra de N.ª S.ª de Fátima todos os dias 13, e como N.ª S.ª lhe vai pagando avalie-se entre outros pelo facto seguinte. Estava elle na sua casa comercial entregue aos seus negócios, quando é inesperadamente informado pelo telefone de que uma sua filha de tenra idade estava com assustador ataque. Na angústia de tão inopinada informação corre imediatamente a buscar o médico da família que por cúmulo de desdita não estava nem em casa nem no consultório, o mesmo succedendo com diversos outros de quem se pretendeu valer, tendo assim que ir até ao extremo oposto da cidade e daí ainda à Assistência, conseguindo afinal depois de tanto tempo e trabalho obter um médico que em sua companhia se dirigiu à casa da doentinha. Com que ansia porém não

ia o bom pai receoso de que com tanta demora não fôsse mais tempo de prestar o necessário auxilio a sua filha. Necessário dizia bem e talvez até indispensável, se na sua ansiedade não se tivesse lembrado de meter de permoio a protecção de N.ª S.ª de Fátima. Ao mesmo tempo porém que ia procurando o natural socorro, foi também fazendo a promessa de, se sua filha não corresse perigo, mandar celebrar uma Missa a N.ª S.ª de Fátima e oferecer para o seu altar 4 quilos de velas. O êxito não podia ser mais feliz, pois, chegado a casa depois de tantas canceiras e aflições, aí o esperava a agradável surpresa de ver sua querida filha não só fóra de todo o perigo, mas alegre, radiante e expansiva como nos seus melhores dias. Escusado é dizer que satisfação a promessa foi logo após cumprida integralmente e com a assistência da beneficiada que com sua infantil viveza pareceu dar mais vida ainda ao piedoso acto, em seguida ao qual foi a mesma consagrada a S.ta Teresinha, segundo promessa também feita por outra pessoa da família.

Voem estes relatos além dos mares, ecõem pelas Terras de Santa Maria, repercutindo nesse abençoado céu-na-terra de Fátima, testemunhando aí à Mãe bendita quanto lhe querem também os filhos da Terra de S.ta Cruz, e como, em troca dos seus insignes favores, com o mais intenso e filial amor lhe patenteiam a sua imorredoura gratidão.

Colégio Nobrega — Recife.

Dezembro de 1930.

P.ª João de Miranda, S. J.

Mulheres, sede assim!

Em vez da costumada história trã hoje um quadro vivo e vivido a servir de modelo a tanta mulher, a tanta esposa cristã que, às vezes, arrasta uma vida inteira de sofrimento, sem tentar ou saber valorizar e aproveitar esse tesouro escondido que o Senhor lhe deu às mãos.

Para elas, as rainhas do lar, tornadas tanta vez em escravas, são as palavras que se seguem. Quando elas souberem sofrer caladas e alegres, curtindo em silêncio a sua dor, de que só elas e o Céu teem conhecimento, ter-se-hão transformado num poderoso iman que atrai as bênçãos de Deus sobre a família, serão uma hósta viva a imolar-se continuamente por aqueles a quem deram o ser—anjós de luz divina no meio do lar.

Só, com sua mãe que, de há muito ficara viúva, com a mocidade dos seus 19 anos bem prendados de dotes físicos e morais, Amélia era a alegria da vizinhança, o sol da sua casa e da mãe, o enlevo das irmãs já casadas. Não havia festa a que não fosse. Descamizada nas eiras ou desfolhada nas terras por mais linda que estivesse a noite, por mais clara que a lua brilhasse, sempre lhe faltava alguma coisa se Amélia com as outras não cantava ao desafio.

Nas modas da aldeia, nos atavios do seu trajar, tinha sempre a primazia.

A mãe era doida pela filha, sem contudo perder como outras os sagrados direitos da autoridade maternal.

Para a missa e oração como para o trabalho e divertimentos a sua companhia era a mãe. Prouvera a Deus que todas as mãis assim fossem!

Não teríamos certamente a lamentar tanta queda, tanta miséria...

Entre os rapazes que na aldeia aspiravam à mão de Amélia foi preferido um rapaz bem posto e bem-falante que, pela força e pelo garbo do porte exterior, não temia meças com ninguém.

E um belo dia, alfofarada com as lágrimas da mãe, sob os olhares húmidos das vizinhas, Amélia saía de sua casa pela varandita baixa toda cheia das suas flores e sob os olhos vivos e esperançosos das amigas que a iam acompanhar até à igreja. Amélia casou.

Passados anos o marido, que nunca fóra piedoso, levado por más companhias, apez uma estada no estrangeiro, deixou de praticar.

E até ela para cumprir as suas obrigações de cristã e de educadora tinha de escolher as ocasiões.

Com o vinho, o marido tratava-a mal, disparatava diante dos filhos pronunciando palavrões.

O ganho do seu trabalho e do da mulher gastava-o na taberna e em grandes comensais que a mulher tinha de preparar para elle e para certos amigos que logo aparecem nestas ocasiões.

Amélia estranhava de dia para dia; o trabalho aumentava porque ficava só; os cuidados e desgostos traziam-na oprimida. Aquela de quem todos dantes diziam que «via como peixinho na água» não parecia a mesma: magra, negra e por vezes até mal vestida.

Esta situação prolongava-se; quasi se perpetuava.

A boca de Amélia porém nunca se abria numa queixa, numa lástima.

Os lábios não perdiam por um momento sequer aquele gesto tão seu de sorrir. Se alguém a lastimava sorria-se; se a puzavam a terreiro mudava de conversa; se a interrogavam despedia-se sacudidamente.

Atacavam o marido? Defendia-o ella.

Em casa nunca um vizinho ou alguém ao passar lhe ouvia uma palavra por entre os destemperos do marido.

Porisso também, elle, no meio da bebedeira tinha ainda razão suficiente para exclamar:

«Tenho uma mulher que não me-reço a Deus.

A minha mulher é uma santa! E era. E é.

Que na verdade só a graça do Senhor servida por uma vontade de ferro, por uma virtude firme pode fazer com que uma rapariga cheia de mimos e transformada num farapo tenha estampado no rosto sempre franco o sorriso perene que o dor não amortece nem a'aga.

Que maravilhas se não passam na alma de uma mulher que, como Amélia, sabe sofrer e imolar-se por amor!

O sofrimento regenera e dá vida. O de Amélia converteu o marido.

O segredo desta vitória reside num profundo amor conjugal.

Embora talvez no íntimo reconhecesse sinceramente os defeitos que no marido não eram poucos nem pequenos, diante dos outros era ella a primeira e encobri-los, a occultá-los.

Que linda attitude!

E quão diversa da de tantas que por impaciência, por falta de espirito de abnegação e de renúncia se tornam em verdadeiras profanadoras do santuário da família cujos segredos mais íntimos vão assoalhar por ouvidos de vizinhas!

Que exemplo admirável o dessa mulher que forma os filhos no cumprimento do dever, no respeito da autoridade, no espirito de sacrificio e no amor do trabalho!

Mas também que corã de glória a não esperava no céu quando há pouco o Senhor a chamou e a viu apresentar-se-lhe diante com a humildade do bom servo do Evangelho—somos servos inúteis—e com a alma do marido e o coração dos filhos que ella no sofrimento e na dor conquistara e educara para Deus! Dizia-o a dor sincera dos que a haviam conhecido; dizia-o a tristeza quasi louca do marido que desejava viver agora para a família e para Deus; dizia-o o tom do semblante angélicamente composto num leve sorriso que nem a morte se atrevera a roubar-lhe.

Sofre-se na vida matrimonial na vida de família?

Sofre-se muito até?

—Sim é verdade.

Há famílias cuja vida é um inferno de sofrimento?

—Só é inferno para quem não sabe sofrer.

O mais duro sofrimento se transforma em prazer quando se sofre em unido com Deus—numa palavra, quando se sofre por amor.

Espirito de renúncia, de sacrificio, de abnegação— a resignação, a conformidade, a alegria no meio do sofrimento tudo isso vem com o amor.

E toda a dor se transforma assim com uma suave unção que a torna balsâmica.

Oh quem dera que todas as mulheres, todas as esposas soubessem sofrer por amor—por amor de Deus e por amor dos seus!

Que de verdadeiros milagres se não dariam no mundo das almas dentro dos nossos lares.

Mulheres, sede assim!

Leiria, Julho de 1931

Galamba de Oliveira

Se contra a ordem de Deus desejas os bens presentes e terrenos, perderás os celestes e eternos. (Da Imitação de Cristo)